

Turismo de Base Comunitária em Santa Luzia do Itanhy/SE: a comunidade local como protagonista

Natália Pinto da Silva
Graduanda do Curso de Bacharelado em Turismo da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Técnica em Turismo e Hospitalidade do Instituto Federal de Sergipe (IFS)
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão em Turismo e Hospitalidade
E.mail: nataliaps68@gmail.com

Lillian Maria de Mesquita Alexandre
Doutoranda em Geografia, PPGeo/UFS
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS)
Bacharel em Turismo (UNIT)
Professora do Curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe e
Coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Turismo (LEITur).
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão em Turismo e Hospitalidade
E.mail: profa.lillian@gmail.com

Resumo

O turismo de base comunitária vem despontando como meio de desenvolvimento local a partir do empoderamento da comunidade nativa, que se articula para realizá-lo objetivando o bem coletivo, gerindo assim os bens comuns, planejando e estruturando a atividade turística. A comunidade local é envolvida diretamente nas ações propostas por esse formato de turismo e para tal, as comunidades podem utilizá-la para melhorar sua qualidade de vida. Assim, proposta de sua utilização no município de Santa Luzia do Itanhy, um dos mais pobres do estado de Sergipe, torna-se interessante. Baseado nessas informações, o presente artigo propõe fazer uma interpretação do TBC em Santa Luzia do Itanhy, a partir da relação com o protagonismo da comunidade local. A revisão de literatura sobre o Turismo de Base Comunitária, a partir da realidade encontrada no município, analisando-se documentos como dados do IBGE, do ITPI e da realidade vivenciada em diversas pesquisas realizadas ao longo de 2014, foi a base metodológica dessa construção. Assim, considerando que as relações da comunidade com a gestão participativa, o seu empoderamento e realidades, acreditamos que o TBC possa ser uma alternativa para esse turismo local.

Palavras-chave: Empoderamento. Comunidade Local. Turismo de Base Comunitária.

Introdução

A busca de uma experiência turística cada vez mais autêntica, por parte dos turistas, vem propiciando uma nova possibilidade para a prática de um turismo, o Turismo de Base Comunitária - TBC, onde, existe a busca de produtos e equipamentos turísticos protagonizados pela comunidade local e não mais por grandes empresas ou simplesmente atores fora da localidade. O TBC poderá promover uma relação estreita entre visitante e

visitado, a fortificação da identidade local, uma melhor distribuição de renda e o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Utilizado como atividade econômica complementar, o TBC pode transformar a realidade de comunidades tradicionais, uma vez que esta pode vir a passar de mão-de-obra barata em grandes organizações, para compor empresas familiares e de cunho local, onde passa a ser o protagonista do fenômeno turístico, idealizando, planejando e executando o turismo no local.

Com a observação do crescimento deste nicho de mercado, o presente artigo pretende fazer uma interpretação do TBC em Santa Luzia do Itanhy, a partir da relação com o protagonismo da comunidade local, buscando trazer um resgate de sua riqueza histórica e cultural, o fortalecimento da identidade local e melhoramentos na realidade desta população, através do empoderamento dessa comunidade na gestão do TBC realizado na localidade.

Os princípios do turismo de base comunitária - TBC

Antes de iniciar a análise do município em si, é extremamente importante que sejam pontuadas as definições, características e particularidades do Turismo de Base Comunitária e iremos começar trazendo a discussão sobre Turismo Comunitário, para que o leitor se familiarizar com este nicho da atividade turística. Assim, segundo Coriolano (2009, p. 282):

[...] o turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo. Nele o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes, seja de pescadores, ribeirinhos, pantaneiros ou de índios.

Ainda definindo Turismo Comunitário, Maldonado (2009, p.33) afirma que:

Por turismo comunitário entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Entendemos então, que o turismo comunitário é a viabilização do turismo de maneira coletiva, onde uma comunidade utiliza-se da propriedade comum para oferecer produtos turísticos, tomando coletivamente todas as decisões pertinentes à atividade e buscando um desenvolvimento construído socialmente. Para entender melhor os esforços exigidos no TBC e do papel da construção social do desenvolvimento em sua viabilização, Coriolano (2003, p. 26) diz que:

Ele exige o envolvimento de toda a sociedade, uma revalorização da cultura e uma base ética. Nessa época de tantas crises – ecológicas, de escassez, de recursos públicos e de grandes demandas sociais – estimular a participação das comunidades para maior dinamização econômica e buscar respostas às necessidades de saúde pública, educação, cultura, construção de moradias, lazer, produção de emprego e renda, significa uma estratégia eficaz e eficiente, sobretudo, para os segmentos sociais mais desprestigiados pelo modelo da macroeconomia.

Apropriando-se dessas informações, podemos reconhecer então, o TBC como uma estratégia de construção social do desenvolvimento e que através dele, é possível trazer melhorias nas condições de vida da comunidade que se articula para executá-lo.

Para melhor compreender TBC, é necessário esse prévio entendimento do Turismo Comunitário abordado no início deste capítulo, ao longo da leitura de CORIOLANO (2009) e MALDONADO (2009), além do entendimento de construção social do desenvolvimento abordado, ainda, por CORIOLANO (2009). Assim, passado este entendimento, Turismo de Base Comunitária, segundo Silva, Ramiro e Teixeira (2009, p.362):

É a busca da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento turístico baseado na autogestão, no associativismo/cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais, visando à apropriação, por parte destas, dos benefícios advindos do desenvolvimento do setor.

Ainda reforçando esta ideia, Tucum (2008) apud SANSOLO e BURSZTYN (2009) afirmam que:

O turismo de base comunitária é aquele no qual as populações locais possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento e gestão, e está baseado na gestão comunitária ou familiar das infraestruturas e serviços turísticos, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária.

Reconhecimento do município e suas potencialidades

A 76 quilômetros da Capital Aracaju, Santa Luzia do Itanhy está localizada no Litoral Sul do Estado de Sergipe, sendo limítrofe aos municípios de Arauá, Estância, Indiaroba, Itabaianinha e Umbaúba e banhado pela bacia hidrográfica do rio Piauí (Figura 1). O município de 13.733 habitantes, sob o gentílico santa-luziense e segundo o site cidade-brasil, apresenta uma densidade demográfica 42,2 hab/km², e segundo o IBGE (senso 2010) um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM de 0,545.

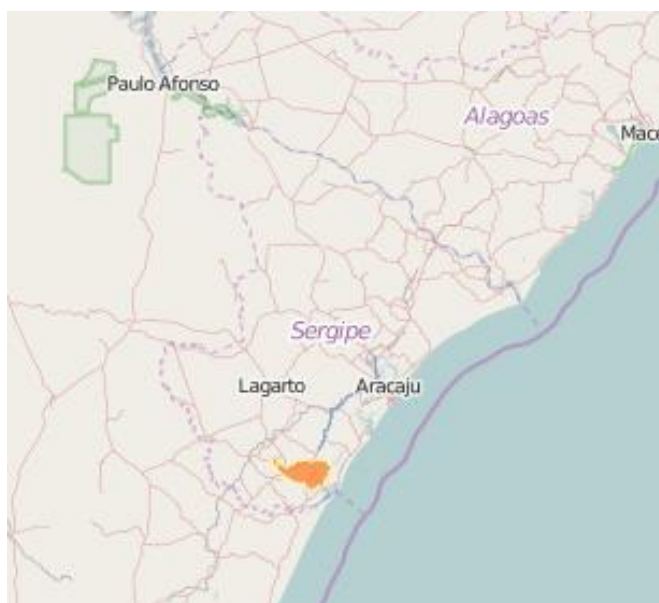


Figura 1. Mapa de localização de Santa Luzia do Itanhy

Autor: IBGE, 2010

Santa Luzia do Itanhy está a uma latitude 11°21'01" sul e a uma longitude 37°26'52" oeste, estando (em sua sede) a uma altitude de 20 metros acima do nível do mar (CPRM, 2002), tem uma área 325.732 Km² e possui 51 povoados. Apresenta como bioma característico a Mata Atlântica, e é banhado pela bacia hidrográfica do rio Piauí, que é constituída pelos rios Guararema, Indiaroba, Piauí e Sapucaia.

O Produto Interno Bruno - PIB do município é constituído principalmente pela prestação de serviços, indústria e agropecuária, mas graças à concentração de renda e à distribuição latifundiária de terras, os habitantes do município vivem da agricultura e pesca de subsistência, e do Fundo de Participação do Município recebido pela prefeitura. Santa Luzia é hoje um dos 50 municípios mais pobres do Brasil. Sua população estimada é de

aproximadamente 14 mil habitantes, dos quais, 24% estão localizados na zona urbana, e os demais na zona rural. (IBGE, 2015)

A terra em que se situa o município de Santa Luzia do Itanhý (Figura 2) era ocupada, inicialmente, pelos tupinambás. “Organizados, viviam especialmente da pesca dos belos rios Piaguy, que depois veio a se chamar Piauí, e Itanhí, depois Rio Real. ” (Góes, 2002). A soberania tupinambá permaneceu inabalada até que “[...] o governador-geral do Norte do Brasil, Luiz de Brito, autoriza o também português Garcia d’Ávila a ‘tomar posse’ daquelas terras de Santa Luzia”.



Figura 2. Ilustração dos índios tupinambás

Autoria desconhecida

A principal intenção do governador-geral do Norte do Brasil ao enviar as tropas lideradas por Garcia d’Ávila à região, era coibir a cooperação dos tupinambás com os franceses, que vinham à costa brasileira com o objetivo de contrabandear pau-brasil. A relação entre indígenas e franceses na região era tão próxima que os estrangeiros fundaram uma feitoria nomeada ‘São Luiz’. (MATOS, 2010)

Garcia d’Ávila conseguiu expulsar os piratas franceses e, momentaneamente, derrotar os índios, aproveitando então, a estrutura da feitoria francesa para estabelecer o povoado de Santa Luzia. Segundo Matos (2010, p. 2) “devido aos vários conflitos com os indígenas, [...] abandonou a povoação [Garcia d’Ávila], temendo enfrentar os nativos fortes e aguerridos que não suportavam o homem branco”.

Após o abandono das terras de Santa Luzia do Itanhy por Garcia d'Ávila, os Padres Jesuítas Gaspar Lourenço e João Solonio, sendo acompanhados por alguns colonos e um grupo de soldados, vieram conquistar o território através do Evangelho, fundando assim, a Igreja de São Tomé e algumas casas para moradia. (IBGE, 2010, p. 45)

Em 1698 a aldeia foi elevada à categoria de vila por ordem do Governador da Bahia D. João de Lencastro, com o nome de Vila Real de Santa Luzia. Decreto-lei Estadual nº 69, elevou a Vila à categoria de cidade. O Decreto-lei nº 377 de 31 de dezembro de 1943, revogado pelo de nº 533, de 07-12-1944, modifica o nome do município para Inajaróba, este nome, por sua vez, foi mudado para Santa Luzia do Itanhy, pelo Decreto-lei Estadual nº 88, de 25-11-1948, "Itanhy" era nome que os indígenas davam ao rio Real.

O município de Santa Luzia do Itanhy é dotado de grande diversidade cultural graças às heranças deixadas pelos povos indígenas, que ocupavam originalmente a área; português, que a colonizou a região; e africano, que foi mão-de-obra na colônia; e a relação da comunidade com o meio que a cerca, como as proximidades com o Rio Piauí e a Mata do Crasto, por exemplo.

São notórios os resquícios do passado colonial do município, que se apoiava na escravidão para o cultivo de cana-de-açúcar, o que veio a deixar profundas marcas na população, marcas estas que se refletem em seus comportamentos, relações de poder, e na paisagem do municipal, que abriga ainda nos dias de hoje engenhos de cana-de-açúcar (Figura 3), e uma comunidade quilombola.



Figura 3. Engenho São Félix
Autoria: SILVA, N.P., 2015

Além de seu passado, outro forte determinante da cultura local é a relação intrínseca da comunidade com o meio ambiente, e em especial com o rio Piauí, (Figura 4 e 5) que molda o jeito de viver destes indivíduos, sua temporalidade, ritmo diário e ações do cotidiano; seu trabalho com os barcos de pesca, os componentes de sua alimentação, sua gastronomia e culinária a base de peixes, camarões, caranguejos, como o aratu, frutos do mar, e constante uso do coco; a arte, e o artesanato produzido, que representa o cotidiano e o bioma local, em materiais como madeira, conchas e pedras.



Figura 4. O Cotidiano do Rio Piauí
Autoria: SILVA, N.P., 2015



Figura 5. O Cotidiano do Rio Piauí
Autoria: ALEXANDRE, L. M. M, 2014

O contexto turístico: a comunidade como protagonista

Mesmo tratando-se de um dos municípios mais pobres do estado de Sergipe, e com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) abaixo da marca estadual, contrapõe com a potencialidade perceptível do município – dada a presença de patrimônios naturais, culturais e históricos e que atrai investimentos para a estruturação do destino, como é possível perceber na figura 6 abaixo, um catamarã que é utilizado para fazer passeio no Rio Piauí, hoje explorado por um empresário de Aracaju, capital do Estado e não dá localidade.



Figura 6. Equipamento Turístico, o catamarã

Autoria: ALEXANDRE, L. M. M, 2014

Ribeiro, Salomão e Silva (2013, p. 217) apresentam que:

[...] existem três ações diretas do PRODETUR Nacional destinadas ao município de Santa Luzia do Itanhy, o que totaliza recursos superiores a R\$ 10 milhões. As ações são implantação de Rodovia interligando o povoado Crasto à sede do município; implantação e melhoria de infraestrutura turística e implantação de sistema de esgotamento sanitário”.

Além dos investimentos do PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Turismo) Nacional, a região em que o município está inserido foi contemplado com ações do projeto

“Sentidos do Itanhy”, que foi desenvolvido pelo IPTI (Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação), entre os anos de 2009 e 2013, e teve apoio do Ministério do Turismo. E segundo o próprio IPTI, em sua página na web, o projeto tinha como metas: Estruturação do Turismo de Base Comunitária em Santa Luzia do Itanhy e Elaboração do Plano de Gestão Participativa do Turismo de Santa Luzia do Itanhy.

Com a finalização do projeto “Sentidos do Itanhy” (Figura 7), e a partida dos pesquisadores que a ele dedicaram-se, o turismo no município encontra-se em fase de organização, a partir das ações mencionadas realizadas pelo IPTI, que despertou nos moradores locais, principalmente no povoado remanescente quilombola Crasto, a mudança no olhar, o reconhecimento da potencialidade turística do local e a necessidade do seu papel como protagonista no planejamento e na execução da atividade. Ou seja, a partir de então, a comunidade local passa a entender o que de fato significa “empoderamento” para a gestão do TBC na localidade.



Figura 7. Reunião do projeto 'Sentidos do Itanhy'

Autoria: Blog do ITPI

A percepção da comunidade do povoado Crasto é evidenciado por uma simples caminhada pelo povoado, pois esta nova visão local materializa-se na presença de infraestrutura e



Figura 8. Bar e Restaurante Brisa do Mar

Autoria: SILVA, N.P., 2015



Figura 9. Pousada e Cia. Crasto

Autoria: SILVA, N.P., 2015

equipamentos turísticos pleiteados, fundados e protagonizados por ela (Figura 8 e 9). Por exemplo, encontra-se o único meio de hospedagem do município e o único restaurante (Figura 10) com vocação turística, capacidade de receber um número os visitantes, geridos pela comunidade local.



Figura 10. Gastronomia de Santa Luzia do Itanhy

Autoria: SILVA, N.P., 2015

Considerações finais

O fato deste município ser a primeira povoação do Estado, lhe renderia um apelo histórico-cultural interessante para ser desenvolvido na região. A história da produção da cana de açúcar e do sistema escravocrata também agregaria valor ao produto turístico local, além da reminiscência quilombola da população local, com sua cultura imaterial. Tudo isso como incrementador do turismo de base comunitária, possível de acontecer por lá.

Quanto à infraestrutura do município é perceptível a falta de acessibilidade e sinalização turística do município, o que dificulta a prática turística na localidade, num modelo mais clássico, porém, com uma implementação de turismo alternativo (cicloturismo, por exemplo), seria bem possível. Além disso a falta de atrativos turísticos e equipamentos turísticos na sede do município, que é limpo e melhor organizado, é bastante visível o que torna a estadia no centro da cidade muito mais inviável e até menos impactante na área litorânea. A falta de variedade de equipamentos de apoio ao turismo também é clara.

Isto, porém, não é um grande prejuízo para se iniciar o desenvolvimento do turismo de base comunitária no município, pois com os atrativos já encontrados em meio a natureza, ao histórico e ao cultural, é possível, a partir da sensibilização da comunidade local, promover a implantação desse tipo de turismo na região. Promover um novo “olhar” e uma nova “forma de entendimento” nestes é quando a comunidade se perceber envolvida, participando e gerenciando o planejamento e operacionalização do TBC no local, que o mesmo poderá existir.

Referências

BLOG de divulgação das ações do projeto “Sentidos de Itanhy”. Disponível em: <http://turismo-santaluziadoitanhy.blogspot.com.br/>. Acesso em 11/06/2015

CORIOLOANO, L. N. T. O Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro. In: BARTHOLO, R; SAN SOLO, D. G; BURSZTYN, I. (Orgs.); **Turismo de base comunitária: Diversidades de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem. 2009, p. 277-288.

_____. Os Limites do Desenvolvimento e do Turismo. In: CORIOLOANO, L.N.T. (Org.). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE. 2003, p. 13-28.

GÓES, C.; Santa Luzia: início da colonização sergipana In: Cinform Municípios; **História dos Municípios: Um jeito Fascinante de Conhecer Sergipe**; Cinform: 2002. Aracaju-SE. (p. 223-225).

IBGE Cid@des. Página de Santa Luzia do Itanhy no Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=280630>. Acesso em: 10/01/2015.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R; SAN SOLO, D. G; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: Diversidades de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem. 2009, p. 25-44.

MATOS, F.; **Santa Luzia do Itanhi: Conhecendo nossa história**. 2010 [online]. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/santa-luzia-do-itanhi-conhecendo-nossa-historia/37228/>. Acesso em: 10/01/2015.

MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO ITANHY. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-santa-luzia-do-itanhy.html>. Acesso em: 22/07/2015
Instituto de Pesquisa em Tecnologia da Informação (IPTI). Disponível em: <http://www.ipti.org.br/pt/sentidos-do-itanhy/>. Acesso em: 10/06/2015.

RIBEIRO, L.C.S; SALOMÃO, K.K.; SILVA, J.A.; Investimentos do PRODETUR na Cidade de Santa Luzia do Itanhy: uma visão socioeconômica e ambiental In: **Turismo em Análise**; Vol. 24, n. 1, abril 2013; ISSN 1984-4867.

SANSOLO, D. G.; I. BURSZTYN; Turismo de base: comunitária potencialidade no espaço rural brasileiro In: BARTHOLO, R; SANSOLO, D. G. e BURSZTYN (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem. 2009, p. 142-161.

SERGIPE, **Diagnóstico do Município de Santa Luzia do Itanhy**; Projeto Cadastro da Infra-Estrutura Hídrica do Nordeste: CPRM, Sergipe; Aracaju. 2002.

SILVA, K.T.P.; RAMIRO, R.C.; TEIXEIRA, B. S.; Fomento ao Turismo de Base Comunitária: A Experiência do Ministério do Turismo. In: BARTHOLO, R; SANSOLO, D. G. e BURSZTYN (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem. 2009, p. 359-373.